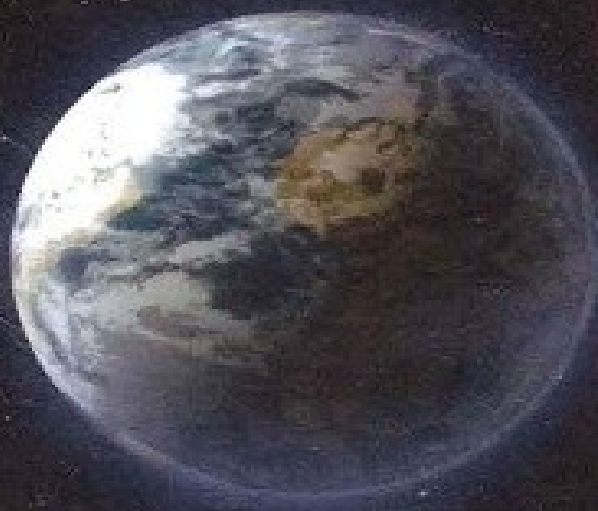


Rey Vinas

HUMANIDAD

CASA DE DEMOLIÇÃO

12 poemas em voz alta



PROJECTO
EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Rey Vinas

Humanidad

Casa de Demolição

12 poemas em voz alta

Projecto Editorial

Para

Elisabete

Nadja

Bia

Nathália

Ana Elisa

Emanuel

Tarcísio

Vinícius

Léo

© 2013 Rey Vinas

Todos os direitos desta edição estão reservados ao autor.

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Livraria Suspensa

CAPA

RONES LIMA

PREPARAÇÃO

Elisabete Vinas

VINAS, Rey.

Humanidad: casa de demolição. Brasília: Projecto Editorial, 2013.

66p.

ISBN 978-85-88401-64-8

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.91

CDU 869.0(81)-1

Sumário

Sumário

Insônia

Humanidad

Cameroni

Felinos

Secos

Globalização

Tudo tem um fim

Desde que te amo, estou só completamente

Partituras

Sal

Passarinhos

Parla

Índio

De Vincent para Ana

Insônia

Este livro é produto de uma inquietação, um descompasso com o mundo, o entorno – *zilhões* de carros, mil pedágios, abandonos, fomes, farturas, frituras, palafitas; crack, tiros, cocaína; bárbaros, balas, burkas, carnificinas...

Todos aqueles a quem os originais foram oferecidos para uma primeira leitura, quando sua *arquitetura lírica* ainda estava em construção, demonstraram certo desconforto com sua temática principal – a do poema mais longo (*Humanidad*), inteiramente concebido numa noite insone.

Talvez ele seja apenas isto: o resultado de uma noite mal dormida, sob a convulsão de ansiedades inexplicáveis, anemias incuráveis, aspirações sutis, decepções crônicas, irritações líricas – o gênero humano, esse exemplar magnífico, movendo-se sobre a terra como um ninguém, uma coisa de nadíssima, um nada de nenhures.

Alguns o disseram apocalíptico (o poema), quase religioso. Nem tanto: é mais uma enunciação desalentada diante de nossa opção insistente em sermos humanos mínimos, ou minimamente humanos, como preferirem.

O Autor

Humanidad

Quando à noite
cair
o último dia
da Terra
– fuga dos raios de Sol
sob a janela,
o pó dos homens
a evoluar do (sub)úmido asfalto –,
a penumbra avançará
seu manto de seda
sobre todos os homens.

*

Soluços de penedos,
árvores seculares,
matas fechadas,
círculos de fogo,
leões inquietas
nas savanas,
em pálidos céus de agosto.
Nunca mais estarás comigo.

O mundo haver-se-á
tragado pelo forte fumo
de Zeus
que arde em todas as coisas.

*

A nossa pele será sedenta
do que não sabe,
súbita e verde
das oscilações do tempo,
tarde e manhã evaporadas
sob a chuva de pedras
das indecisões calcárias.

*

Rios transbordantes
descerão do alto dos edifícios
sua salobra água de alumínio
e vento, em silêncio,
o eloquente silêncio
das monumentais derrotas
que tivemos.

*

Raios, rastros
diante de nós
consumirão a gaze
das gazelas,
os idílios submersos
sob séculos
de uma devoradora fome
de famintos.

Inútil
deter a força
da tempestade.

*

Innnn siii shhs,
as sirenes ecoarão eternas,
as ruas estarão fechadas,
as beatas (com seus olhos bestas)
vazarão seu viscoso verdeazul
preconceito espumoso
contra o humano mundo
das coisas que erram
– porque erra o mundo.

*

O coração da nave arderá,
implodido de ansiedades
– palms, micros, micra,
aeronaves, altiplanas aves
de platina e ópio,
celulares,
seculares ansiedades
divididas com a derradeira

boneca inflável.

*

A chuva permanecerá
ácida e constante
do lado de fora,
a derreter nos portos sombrios
a última carga d'esperança
que envileceu
à espera das inações
da alfândega.

*

Os cães morreram.
A água das calhas
(em aço inoxidável),
o veio das caixas
(de amianto),
o gordo aquoso
das barricas
(marmóreas)
no alto das torres
de alvenaria e palha
– a água estará estilhaçada
da baba dos sedentos.

*

Esperaremos assim
por quanto tempo?

A quanto infortúnio
fecharão o rosto
– frios braços,
dedos lassos –
os que só odeiam?

*

Sangrando os pés
as pedras
ao pé de sagradas montanhas,
no alto de inúteis degraus:
quando descobrirão

os homens
as falas
que conduzem às falsas
santificações?

*

Pálido e doente,
cada vez mais pálido e doente,
arqueado entre as cercas,
há mil horas,
soterrado pelas perdas
de mil palavras tontas,
mil injúrias
atiradas no rosto de quem amas,
suportarás como
a angústia do Eterno?

*

Zum zum, um dínamo
na cabeça, uma qualquer
bomba de um qualquer titânio,
um hidrogênio raro
capaz de deixar vivas
só as pedras no raio de
um quadrilhão de almas
em desespero.
Arma de ensurdecedor
som agudo trovejante
trummm
como os gritos do degenerado.
De pé somente os edifícios azuis,
– lindos – a cintilar sua oca matéria
de arrogância e éter,
a refletir na arqueluz faiscante
dos tetos de vidro
a nossa imbecilidade.

*

Desaparecidos

finish

da face do planeta,

quem descortinará
a cantante face
que tivemos?

*

Quem ouvirá
nossa alegoria
e sorrirá (ri)
conosco
a nossa tímida
alegria?

*

Quem celebrará
os achados da
brutal ciência
que erguemos
sobre o Homem
e apreciará
bah
as reflexões
de nossa mais
insípida
filosofia

– se de repente
desaparecermos
como *ná* de nada,
nó de nódulos,
pátina de pó,
tornados vã
poeira cósmica?

*

Como nos contentar
em ser *mi* de migalhas,
se nascemos deuses?

*

Existiremos afinal
para finalmente ser
somente o arco-sopro

de um surto
planetário
duns dias,
consumidos
por enquanto aqui
no tumulto das horas,
no tempo monótono
sem fim
das casas de família?

*

A vaga luz
que nos sobra
no rés das réstias
dos quartos úmidos
em que estamos
soterrados
ficará nas frestas
do último suspiro
suspirado.

*

A ânsia de sobreviver,
a luta da consciência
contra um mar,
minuto a minuto,
é o que nos deixa assim
vítimas do grito,
a desesperançar
na linha dos tiros
atirados a esmo?

*

Ou será uma outra
matéria dúbia
a nossa,
de graves dubiedades,
a se rebelar constante
contra a divindade
de nossa natureza?

*

Por que fugimos tanto
na direção do ar,
levando na derrota
do caminho o óleo
saturado dos faisões
do dia, tostados no fogo
das fogueiras
onde ardem os potros
e o sangue das novilhas?

*

Seguimos porque
na contraluz do engano
nos apetece o gozo
momentâneo
de corpos suados,
de ilusórias coxas
e bustos torneados
(apesar da fausta
futilidade
trazida na algibeira,
de autopesos carregados
na inconsciência
atroz corrupta).

*

A volúpia do ter
somente para si,
a corroer silente
a alma que nos resta,
reta,
é o que nos desmorona,
pálidas imagens,
cópias malgravadas
em carrara
de um imperfeito Altíssimo.

*

Escuta: algo
nos diz, no vento
que voa leve

(no ouvido
de toda gente
que não se satisfaz
no olvido
dos demais da Terra),
que há um lavor
a nos dizer
a seta
do verdadeiro
humano.

*

Ouçá-o,
na fúria do vento
que tão leve voa
no lume desta tarde:
algo nos diz,
ali entre as palavras,
da paz que inda
nos resta
e arde como fogo.

Escuta!

E se já não puderes
emitir um som de prece,
ergue para o alto
o olhar que falta
entre os olhares todos
que deste para o mundo.

*

O ter somente para si
enquanto outro
amarga a probreza
do mundo;
a fartura como mãe
do desperdício,
enquanto outros
amargam
o só barro do mundo;
a vida entre perfumes,

quando muitos
desintegram-se em inodores
na podridão do mundo...

Isto é o mal
em estado puro.

*

E se já não o vemos
nas cortinas de veludo,
nos apetrechos
que nos deixam mudos
ante o último
artefato tecnológico,
é que já nos perdemos
em desumanidade,
nós que tínhamos tudo
para Ser,
e nos contentamos
a tudo pertencer
tão próximos do nada.

*

As artérias entupidas
de esclerose,
o veneno nas veias
a vazar do último
banquete
em que comemos tudo,
em que bebemos todas
as taças que nos deram
até a explosão
dos músculos
flácidos
de ociosidade
e glotonaria,
isto é ah
cândido amarelo
de assados e frituras.

*

Olhemos para o lado,

àquele que sofre
silente,
e então seremos(?)
de verdade.

O que nos falta,
de estarmos verdes,
de não ver
o vermelho sangue
dos irmãos exaustos
na labuta inútil?

*

O esforço das mãos
já não vale o trabalho.
Nas mãos corre o baralho
de lançar a sorte,
um lance de dados
a esperar a morte
enquanto a vida escorre
por entre os dedos,
nas grossas falanges
calejadas
do chão tumultuado.

*

Viver morrer escravo
do que se faz na vida
e que desfaz a vida
a cada dia um pouco
até deixar só pele
e osso degradado
na desumana lida
dos dias de trabalho.

*

Madeira porca parafuso
esterco faina parafuso
tijolo telha parafuso
fuso roca parafuso
terno gravata parafuso
cordeiro ave parafuso

serra madeira parafuso
capô calota parafuso
homem espantalho
paramudo.

Labutar, tecer, lavrar,
as roupas da esperança,
escadarias,
até restar a neve
de lembranças pálidas,
alva neve fria
de enregelados dias
(antes que leve tudo
a lama das vertigens).

*

O amor humilhado
entre paredes,
os dedos já não tocam
a pele gasta, o rosto
dilacerado pelo tempo.
Há quem tente reter
o tempo, deter
o amor no vento.
E hajam pós, pinturas
faciais, esteiras,
esteroides anabolizantes,
esterilizados amantes
de uma noite,
afeto cravejado
de pérolas frígidas.

Zê

de zilhões de

AMORES

soterrados, desfeitos
na velocidade da luz

de beijos **interGaláctiOs**.

Quando ouço dizer

Devemos salvar

a Terra

penso

a Terra em sua

trajetória cósmica

de zilênios

salvar-se-á a si

não importa

o que desaconteça.

*

Nós é que iremos

nos desfazendo

em massa informe,

vapor de espécie,

limos do Universo.

Nós é que iremos

em espírito

talvez

a uma outra

apagada estrela,

talvez

dejetos do planeta.

*

Como é possível

que essa frágil nave

mergulhe nas sombras

penumbrosas

desta Via Láctea,

na borra nebulosa

de intensos asteroides

e buracos-negros,

e de lá retorne

intacta

quiçá mais bela

ave?

Terra...

*

Há hoje em um
lugar qualquer
do Ártico

100.000km²

de matéria plástica
lançados no oceano.

*

O que farão
(o que farás)
ao descobrir
intacta
sob essa camada
de flácida nervura
a resplandente
condição de aurora
de toda a Humanidade
(perdida para sempre)?

Cameroni

O desacordo com o mundo
de L.P. Cameroni
deu-se aos 20 anos,
quando ele sentiu
que as chuvas chegariam
arrasadoras
e inundariam o homem
e sua terra.

*

Cameroni havia adquirido
muitos dons;
os talentos brotavam
de seus dedos
como flores no campo,
mas andava triste.

*

Já não cuidava
como antes
de seus cabelos ralos,
coelhos e lontras;
o velho carvalho ficara
esquecido um pouco,
tomado de vegetação
parasita
– erva daninha!

*

Na base do coração
um endurecimento de vidro
começava a se formar
liso e transparente
(incômodo de qualquer forma),
pequenino, invasivo
como uma doença

nas células do sangue
espécie aguda de dor
que – pura sorte! –
não doía
muito.

*

As unhas, *rojas*,
incomodavam,
fracas e sem vida,
injetadas dum amarelo-ouro
empoeirado de cinzas.

*

Cameroni olhava do alto:
a derrubada da floresta,
o fogo, as línguas de fogo
lançando explosões no céu,
labaredas
verdes do húmus
vivo – morto – das árvores
dessecadas.

*

A alma convulsiva
aberta de arados
múltiplos
de pássaros sem vida;
o peito em aflição,
sarcófago de brasas
e ligas de titânio.

*

Vão afugentar as aves
da noite, vão queimar
o junco adormecido
às margens
do Rio das Ostras,
do Tatarata.
Vão afugentar o
lagarto verde-oliva,
as larvas brancas,

os mururés
que tingem
os mantos d'água.

*

A oeste, o búfalo
começa seu trajeto
de animal pesado,
compacto, negro
de barrica
em busca de alimento;
avança com lentidão
de máquina parada.
Mas de repente inicia
a fuga de seus pés
de vento.

*

O esforço brutal
de transportar
meia tonelada
de animal bruto
é uma solidão
em fuga,
no arrasto
dos seres
malinados.

*

Aquele ogro ardente
insiste em espalhar
a morte,
cinzas, detritos
de coisas vivas
pelos lívidos
espaços
dos córregos
irados.

É o fogo...

Já é tarde quando
uma ararinha-azul
de asas queimadas
cai do céu aos pés
de L.P. Cameroni.

Felinos

Olhe para os lados.
Se for tigre ou onça-pintada,
dê um salto
sem tirar os olhos da fera.
Deixe jamais
que a sagacidade femi/lina
perceba
aquele medo medonho
que se tem das gatas
próximas do cio.

*

Fique ainda um pouco
com o jeito cambiante
de quem vê passarinho.

*

Se o animal fingir
que abre a bocarra,
simule que também
tem dentes
tão afiados quanto
a língua de inimigos
mortais humanos.

*

Acalme-se, embora
verde esteja,
ardendo em febre,
da força desse urro
que se desborda
por trás das cabeceiras.

*

Simule a serenidade
de um peixe
(que gatos são carnívoros

mas detestam água).

*

Mas o fundamental mesmo,
pra que fuja esse bicho,
é saber que está lidando
com homem.

Secos

Os
rios estão
secos.

*

Houve
tempo em que
voltavam
das corredeiras
punhados
de pescadas
amarelas

*

Hoje sobe
um vento cardo
quente
do leito calcinado,
chega às narinas
com cheiro de
zinabre
bodum
enxofre
vômito
carniça
merda

Globalização

Diga pra mi
se não há
coisa mui doid
nesse mund' meu deus.

*

Quirin tinha uma filha lind
que ele vendeu prum
gordo branquel que vei
dum lugar paresque
Norvega.

*

Quando ela se foi
naquele carr
como é que chama?
Limosin
foi que se rastada
pelos cabel

*

Ela gritava
té sumir nestrad:
Deixeuficar, meu pai.

Vivo de put
mas pago por mi
os dez mir dólar
que lhos deu o
gring.

Tudo tem um fim

Deste-me de mim
só o que eu podia
dar a ti
e não mais ficaste
com os brins
e balangandãs
que me ofertaste
por um dia assim
em que me amasses
– até que me cegasse
o céu que sobre mim
um dia desenhaste.
Mas tudo tem um fim.

Desde que te amo, estou só completamente

Era oportuno

o beijo que me deste.
Soprava o vento leste
e nada no meu mundo.

Até ficasse mudo
o que vivias rindo,
tudo bem passado,
quase longe indo
o dia conquistado.

Nem se fincou o arado
na terra que era tua
e já estava nua
mulher, menino e gado
(veio outra da rua
coser a tua boca,
cozer tua comida,
dormir a tua cama,
chegar ao meio-dia).

Partituras

Do quanto só ficou o meu gemido
dos dias que passei entre teus braços
dormia longe o mar, perto o cansaço
de ter varado um dia perseguido
mas feliz por ter desesperado
de amor um amor – se não querido
de tanto se negar – talvez partido
de outro coração despedaçado.

Sal

Provê de temperamento e sol
esse pó úmido das praias
a que se chama *areia*.

Passarinhos

Quando chegares,
bate devagar à porta
como se dentro dormisse
cotovia, beija-flor, pintassilgo.

*

Não espantes esse pássaro
cansado de voos alternativos
intercontinentais
e de cruzeiro.

*

É certo que é uma ave forte.

*

Mas pensa que tão logo acorde
partirá veloz sabe pra onde
os olhos úmidos de ver
queimar-se tanto verde,
rios de aguardente e chumbo.

Parla

Tome de um papagaio
ainda menino.
É preciso que se o alimento
com o milho mastigado
por um cão tranquilo.
Depois, ofereça-se a esta ave,
ao longo de um ocaso,
um cri-cri de grilos
e a agitação dos patos.
Fica assim um animal pronto
pra cantoria – ou repetição –
do que se dirá um dia,
mas também pra fala
em videoteipe
de um quase humano dialogar
com as sutilezas da terra.

*

Se o alimento for bom
e servido à ave
duro como gelo,
com a aspereza
de um grão-de-bico,
torna-se rápido
um animal
sedento e aspérrimo
com (nas veias)
o sangue das bestas
e das feras
depois coagulado
em taças de cristal.

*

Será tão sólida
e impenetrável

essa comida
austera
que só duendes
e seres improváveis
nascidos no mais
suportarão
tocar-lhe nas estranhas
fibras de carbono
da alma passarinha

*

até que finalmente
morra
o pássaro desbocado.

Índio

Eu que sempre tive
a compleição saudável
de um índio
eterno das aldeias
haverei de caminhar
por fim
ao cabo de um sol posto
e algumas asperezas
com o corpo pulsando de fraquezas
como um branco
qualquer?

De Vincent para Ana

Só: um poema discursivo para gravação em MP5

Vincent foi um garoto
recluso,
talvez um pouco mais
soturno,
só
um pouco mais sozinho
que outros meninos
da mesma idade.

*

Fervoroso
– como o pai havia sido –,
pensou: havia
ali
um chamado
para *Ele*,
no ar, na brisa, no céu
uma ventura
no Cosmo,
um chamado
para *Deus*?

*

Vincent lia
a Bíblia
obsessivamente.
Queria ser
“mensageiro”
de uma Palavra
que cegasse
o homem
por inteiro.

*

Mas havia algo errado,
em algum lugar

estava tarde,
em algum ponto
da prece
havia um *não*
atado
a um coração
que arde.

*

Por mais que
estudasse,
jejuasse,
orasse,
não *sentia*
Deus,
não
como poderia
não
como em verdade
aquela unção
próxima da fé
seria
(ou deveria ser).

*

Ele não compreendia...

*

Era preciso buscar
outro *chamado*
a dar sentido à vida
onde também possível
fosse encontrar Deus
fora dos céus.

*

Van Gogh
passou a pintar
quadros,
a respirar o ácido
titânico
das tintas,
a *placa tectônica*
das linhas

alucinadas,
a mesma disciplina
do fervor religioso:

*

horas incansáveis
de estudo;
uma prática feroz
dos movimentos,
os intrincados
nós
dos pés,
os polos azuis,
dos campos
da Holanda,
os céus,
plátanos,
narcisos
diáfanos,
bandas
de pífanos,
aves num rochedo.

*

Pintou fluorescentes
flores azuis,
campos de trigo,
girassóis,
o amarelo
ouropálido
dum catre
num mísero quarto
sufocado
de Avec sur Oise.

*

Van Gogh sentia fome
e trocava sonhos
por comida.

*

Rascunhos,

exercícios de cor
feitos no ar,
feixes de luz invadida,
desenhos sem “importância”:
estranhas aves vadias
um mar agitado
de corvos,
algumas flores sanguíneas
que os comerciantes usavam
para embrulhar peixes
no fim do dia.

*

Quanto mais estudava
– e pintava
– e jejuava –,
mais sentia naquele ofício
o ar de sua vida,
embora ninguém desse
importância
ao que fazia
aquele moço obsessivo,
transtornado,
cheio de manias.

*

Pintava sem cessar,
sem ver mais nada
ninguém
no quadro da retina.

*

Vincent se sentia
capaz de algo
novo,
de representar o mundo
de um modo
novo,
diferente das telas
aprisionadas
de outros pintores

que conhecia.

*

Mas logo vieram
os delírios.
As alucinações.
As visões
misturavam-se às cores
intensas,
a tal ponto que não mais
distinguia,
quando pintava,
a pintura pintada
da realidade
do mundo
que havia.

*

Vendeu um único
quadro
em toda a vida:
um mísero vaso de flores?
talvez
pintado no deserto
das epifanias.

*

A tortura de saber-se
um gênio
(a quem ignoravam),
de amargar só
o futuro que era
ele,
levou-o a um desacordo tal
com o mundo
que preferiu abandonar a vida,
deixá-la de vez assim
sozinha
desapetecida
a tiros de fuzil.

*

Aquele desvairado ofício
o consumiu
vivo,
um trabalho
insistente e alerta
sempre
(como um guizo)
uma tarefa
à qual se dedicara
por inteiro
(embora já lhe faltasse
a orelha esquerda
e a luz perfeita do juízo).

*

Van Gogh não venceu
a indiferença
dos donos de sua época.
Van Gogh não venceu
a insensatez
dos homens de sua época.
Van Gogh não venceu
a estupidez
dos frágeis como ele
(que não suportam a crueldade
do mundo).

Mas não importa.

*

Van Gogh

ensinou ao mundo
que uma alma
pode mudar
a rota das estrelas,
transformar
campos de escuridão
loucura
cinza

nardos

flores vivas

Este livro teve sua primeira edição impressa realizada em agosto de 2010
pela Projecto Editorial.

E-mail do autor: reivaldo.vinas@gmail.com



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

